



Questão 1:

A representação do negro no âmbito da Literatura Brasileira sempre foi feita a partir do olhar do branco. Durante a 3ª fase romântica destacou-se o Castro Alzug como nome representativo da literatura abolicionista com seu "Nativo Negro". Posteriormente, e infelizmente, nossa literatura se deparará com a caracterização de personagens tipos negros estereotipados com a literatura de Aluísio Azevedo, Monteiro Lobato e Jorge Amado, por exemplo. Nas décadas de 60/70 do século passado será a "peleza esbranquiada" a cor da pele que dará o tom como um "Quarto de despejo" de Carolina de Jesus.

Ora, essa representação do negro, da apodeseu-ência e da especificidade era a que vinha sendo adotada nos livros e nos livros didáticos — a visão do homem branco ocidental. Nem mesmo um Luiz Gama, seu escravo contemporâneo de Castro Alzug — fora privilegiado autônomo.

Nesse respeito é imperativo lembrar de um relevante fato extraliterário, a promulgação da Lei 10639/2003. Tal lei a partir de tal lei procura-se introduzir na educação básica o ensino de história, cultura e literatura africanas com o fim de se reconhecer o negro brasileiro, sua descendência e, sobretudo, nossas crises multiculturais e pluriculturais.

~~esse~~ lembrar a história de um povo que, quando escravizado e transplantado de sua terra, de sua comunidade e de sua sociedade para o Brasil, trouxe toda sua história de vida na alma, porque não lhe foi permitido carregar nenhum pertence (Casto, 2001, p. 144)

Se a literatura é representativa de um imaginá-

no coletivo e da identidade cultural de um povo conferiu ao discurso o acento à literatura que não somente tipifique o negro mas contê sua história e essencial para que o aluno se veja como parte também daquela cultura.

Nesse sentido, a opção por uma literatura cuja representação literária do negro resulte em personagens que ora contestem sua ascensão sob o ponto de vista mítico, ora reafirmam ou denotam o orgulho por sua etnia. É o caso, por exemplo, do livro infantil - juvenil *3 Marias*, de Luciana Coluccini ou da obra do jornalista brasileiro no Brasil. De minha parte, um *Memorial* ou *Pepetela* na Angola ou ainda da poesia de José Craveirinha.

É evidente que ainda há mais a avançar quanto ao ensino de literatura Africana de língua Portuguesa nas escolas, entretanto, é bom que os livros didáticos do PNLD já contemplam autores como os citados acima e ainda registam autores como Luiz Gama é um grande progresso. Um exemplo é a coleção para o Ensino Médio *Veredas das Palavras* cujos autores agora não me recordo. Nos livros dessa coleção vemos o trabalho comparativo de Castro Alvez com Luiz Gama através da reinterpretação do poema "Saudades do Brasil", vemos ainda o trabalho comparativo das narrativas do *Memorial* com uma carta com as narrativas de Guimarães Rosa.

Observar a inclusão de outros negros e africanos em livros que cubram o ensino pelo país afora é um grande progresso tanto em vista que os livros de ~~trabalho~~ ~~autores~~ ~~trabalho~~ ~~autores~~ ~~trabalho~~ ~~autores~~ não contemplavam.

Questão 2:

A literatura de Mia Couto, tal qual a literatura produzida pelo brasileiro Guimarães Rosa, porta um trabalho peculiar com a linguagem. Explorá-la para o ensino de língua portuguesa pode ser bastante profícuo.

No que diz respeito à estrutura e formação de palavras o ensino tem sido baseado na apreciação de listas de afixos e radicais gregos e latinos mesmo salando-se dos influxos que nossa língua recebeu também do árabe e das línguas indígenas e africanas.

Sem querer entrar no mérito do ensino de palavras derivadas ou compostas ~~do~~ cuja exigência se dá mesmo em nossa língua africana cremos que o conteúdo de estrutura e formação de palavras possa ser trabalhado a partir da literatura de Mia Couto pelo viés do neologismo.

Ora, como é sabido, só se pode criar um novo vocábulo a partir dos processos existentes na língua. Assim a partir da leitura de Mia Couto em conjunto com Guimarães Rosa (porque não podemos deixar de abordar o diálogo poético presente em ambos) dissonâncias e dissonâncias com o alusivo quais são os processos privilegiados para a criação de novos vocábulos, e porque da criação desses e, por fim, que força expressiva ganha o texto com a inserção desses novos vocábulos em detrimento ao vocabulário dicionarizado disponível.

Questão 3:

É quando o aluno chega ao fundamental II que começa a ter um ensino de literatura mais estruturado, É quando também principia a ter um contato mais aprofundado com a literatura canônica universal e nacional. Compreender os elementos que constituem o texto ~~compreender os elementos~~ literário, seja em prosa seja em verso, pode auxiliá-lo inclusive na assimilação do próprio texto literário, posto que, lhe permitirá entender que o texto literário "envolve dimensões universais, individuais, sociais e históricas, mas de forma peculiar" (Prôença Filho, 2007, p. 27).

Na poesia, para compreensão de verso, estrofe, rima e metáfora, no âmbito da literatura negra e africana de língua Portuguesa, creio que um trabalho um trabalho comparativo entre poesias de Castro Alves, Luiz Gama e José Craveirinha possa ser eficaz. Além da observação da forma e do estilo dos autores o diálogo entre com temática prisão/liberdade condiz a uma aula mais reflexiva.

Na prosa, para a compreensão dos elementos personagem, tempo, espaço, narrador, herói, ação e estilo narrativo o diálogo proposto na questão 2 entre o moçambicano Mia Couto e o brasileiro Guimarães Rosa. No caso do primeiro é importante destacar o viés fantástico de sua literatura que localiza personagens e ações num tempo e espaço que não são reais, não pertencem ao mundo empírico, mas que funcionam como uma alegoria à Moçambique em guerra.

Além, ambos autores, servem-nos para mostrar que o que é real na prosa romântica e real-natu-

calista, por exemplo, pode ser transgredido e remodelado no ponto de um rio ganhar uma terceira margem.